

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS E A SEMEADURA DE NOVAS PERSPECTIVAS: OS SIGNIFICADOS DA (RE)PRODUÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS PARA AS MULHERES NO OESTE CATARINENSE

THE PEASANT WOMEN MOVEMENT AND THE SEEDING OF NEW PERSPECTIVES: THE MEANINGS OF (RE) PRODUCTION OF CREOLE SEEDS FOR WOMEN IN THE WEST OF SANTA CATARINA

EL MOVIMIENTO ORGANIZADO DE MUJERES RURALES Y EL CULTIVO DE NUEVAS PERSPECTIVAS: LOS SIGNIFICADOS DE LA (RE)PRODUCCIÓN DE SEMILLAS NATIVAS POR LAS MUJERES EN EL OESTE DE SANTA CATARINA

Nilton Manoel Lacerda Adão¹
Valmir Luiz Stropasolas²
Maria José Hötzel³

RESUMO:

Este estudo trata das razões que motivam as mulheres organizadas no Movimento das Mulheres Camponesas a buscarem o cultivo de sementes crioulas visando à produção de alimentos. Para tanto, realizou-se uma análise centrada nas práticas e percepções destas mulheres no que se refere à (re)produção e multiplicação de sementes crioulas e sua possível contribuição para a produção de alimentos para o autoconsumo de forma sustentável no município de Itá, região oeste de Santa Catarina. Utilizou-se como técnica para a coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas e a observação não participante; já a análise das informações coletadas foi feita através de análise de conteúdo. Dentre as principais constatações, destaca-se o fato das mulheres perceberem a importância do MMC para impulsionar a participação nos espaços públicos e a valorização das suas atividades cotidianas. Na horta as mulheres do movimento cultivam as variedades crioulas que simbolizam as lutas pela soberania alimentar integrando a produção de

¹ Mestre em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Geógrafo pela Universidade Federal do Rio Grande, (FURG). Professor da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: niltonadao@hotmail.com

² Doutor em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Professor adjunto da UFSC, lotado no Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural do Centro de Ciências Agrárias. E-mail: valmir@cca.ufsc.br

³ Doutora em Ciência Animal pela The University of Western Australia, Mestre em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta no Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: mjhotzel@gmail.com



alimentos mais saudáveis com a valorização do papel da mulher nos âmbitos familiar e social .

Palavras-chave: Soberania Alimentar. Gênero. Agroecologia. Sementes Crioulas. Movimento das Mulheres Camponesas.

ABSTRACT:

This study deals with the reasons that motivate the women of the Peasant Women Movement (Movimento das Mulheres Camponesas - MMC) to produce food by cultivation of creole seeds. An analysis was carried out to know the women's practices and perceptions about the production and multiplication of the creole seeds and its possible contribution to the food production in a sustainable way in the city of Itá, in the west of Santa Catarina. Data were collected by semi-structured interviews and non-participant observation, whereas the analysis of information collected was done through content analysis. One of the most important findings was that women realize the purpose of the MMC to drive their participation on the public spaces and to value their daily activities. The cultivation of the creole seeds is a symbol of the struggle for Food sovereignty, integrating the production of healthy food and the valorization of the role of women in the family and social realms.

Keywords: Food Sovereignty. Gender. Agroecology. Creole Seeds. Movimento das Mulheres Camponesas- MMC.(Movement of Peasant Women)

RESUMEN

Este estudio aborda las razones que motivan a las mujeres organizadas del Movimiento de Mujeres Rurales (*Movimento das Mulheres Camponesas - MMC*) a perseguir el cultivo de semillas nativas, objetivando la producción de alimentos. Para ello, llevamos a cabo un análisis centrado en las prácticas y percepciones de estas mujeres en lo que se refiere a la (re) producción y multiplicación de semillas nativas y su posible contribución a la producción de alimentos para el consumo propio de forma sostenible en la ciudad de Itá, localizada en la región al oeste de Santa Catarina. Se utilizó como técnica de recolección de datos, entrevistas semiestructuradas y observación no participante; mientras que el análisis de la información recogida fue realizada a través de análisis de contenido. Entre las principales conclusiones, se destaca el hecho de que las mujeres se dan cuenta de la importancia del MMC para impulsar la participación en los espacios públicos y el fortalecimiento de sus actividades diarias. En la huerta las mujeres del movimiento cultivan las variedades nativas que simbolizan las luchas por la soberanía alimentaria integrando la producción de alimentos más sanos con la valorización del papel de la mujer en los ámbitos familiar y social.

Palabras clave: Soberanía alimentaria. Género. Agroecología. Semillas nativas. Movimiento de las Mujeres Rurales (*Movimento das Mulheres Camponesas - MMC*).

INTRODUÇÃO

O Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) classifica-se como um movimento social, autônomo, camponês, de causa feminista e com vistas de transformação. Nesse sentido, tem como desafio a valorização e o reconhecimento

das mulheres como protagonistas de espaços decisórios, opondo-se aos padrões da cultura patriarcal. Isso decorre do fato de ser atribuído culturalmente ao trabalho feminino no campo o sinônimo de “ajuda”, que “sustenta, ainda hoje, a subordinação feminina à esfera masculina” (STROPASOLAS, 2006, p.161). Na unidade familiar o trabalho atribuído às mulheres muitas das vezes é classificado como “doméstico ou de ajuda” no processo produtivo. Neste caso, apenas os homens são considerados os responsáveis pela produção. Na compreensão de Paulilo (2004), o distanciamento existente entre o trabalho produtivo e o não produtivo seria difícil de visualizar quando não há separação entre unidade familiar e de produção, uma característica da produção camponesa.

Para a valorização do trabalho feminino no campo, o MMC tem como missão a “libertação das mulheres, a produção de alimentos saudáveis e a transformação da sociedade.” Com esses princípios, desde 2002 o movimento desenvolve o “Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas”. As sementes crioulas são assim denominadas por terem sido modificadas pela ação humana no decorrer da história. O termo crioulo significa “criado” na região sul do Brasil, sendo empregado também como sinônimo de antigo, de não-híbrido e de não-transgênico. O termo também é usado também no sentido político-ideológico, como uma afirmação da cultura e da resistência dos agricultores familiares (CANCI, 2006). Ressalta-se que o uso do termo sementes crioulas não se restringe às sementes, sendo estendido para as raízes e tubérculos. Como exemplo, pode-se citar a mandioca e a batata.

As sementes crioulas estão perdendo espaço para as variedades comerciais. Questionando o modelo que estimula o cultivo de sementes comercializadas, o MMC observa nas práticas com sementes crioulas a autonomia em relação ao mercado convencional e a manutenção da agrobiodiversidade. Destaca também o resgate de práticas sustentáveis de produção, respeitando a biodiversidade local.

Assim, este estudo visa analisar a identificação das mulheres com esse programa, para compreender qual é o sentido das práticas vinculadas às sementes crioulas em relação à soberania alimentar. O conceito de soberania alimentar é empregado pelos movimentos sociais com o objetivo de que cada povo desenvolva uma política alimentar e agrícola própria. De acordo com Souza (2005), a soberania alimentar está relacionada ao cultivo de alimentos de boa qualidade, culturalmente

apropriados para o mercado interno, com foco na produção camponesa e preservação dos recursos naturais, sendo pertinente a agroecologia.

A agroecologia consiste em experiências, esforços, iniciativas e situações desenvolvidas na agricultura com o manejo aperfeiçoado dos recursos naturais, distanciando-se das práticas com utilização de insumos agroquímicos sintetizados industrialmente (NAVARRO, 2008). Além disso, o conceito de agroecologia vai além das práticas de manejo, perpassando também pelas questões sociais, visando a sustentabilidade. Compreende-se por sustentáveis “as tecnologias que simultaneamente proporcionam conservação ambiental e sistemas socioeconômicos mais justos” (SOUZA FILHO, 2007, p. 680). Altieri (2008) salienta que a participação das comunidades locais, quando munidas de suas experiências acumuladas, apresentam técnicas eficientes para a manutenção da agrobiodiversidade. Assim, é possível ao agricultor aperfeiçoar a sua produtividade em longo prazo, assegurando uma oferta regular e variada de alimentos que atendam as necessidades nutricionais. Para a designação de alimentação saudável, este estudo fundamenta-se no Guia Alimentar para a População Brasileira, um manual técnico que traça as diretrizes para a alimentação saudável desenvolvido pelo Ministério da Saúde. De acordo com este documento, as práticas alimentares saudáveis devem contemplar os atributos básicos: acessibilidade física e financeira, sabor, característica nutricional, variedade, equilíbrio entre quantidade e qualidade, e segurança sanitária (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Para melhor compreensão da realidade, utiliza-se por base o conceito de representações sociais no entendimento dos vocabulários e conceitos apresentados pelo grupo estudado. De acordo com Stropasolas (2006), as representações sociais podem ser empregadas em situações específicas para compreensão das experiências, vocabulários, conceitos e condutas que circulam na forma de comunicação. As representações sociais permitem às pessoas terem noções de seus mundos (STROPASOLAS, 2006). Palavras usadas na comunicação cotidiana das entrevistadas podem estar “carregadas” de contradições ideológicas, no entanto são necessárias para a compreensão da realidade dessas mulheres. Neste caso, termos como “parceria”, “sistema” e “horta” são apresentados a partir do entendimento do grupo pesquisado para compreender suas relações com a realidade circundante.

As mulheres estudadas residem no Oeste de Santa Catarina, região onde prepondera o sistema de parcerias na pecuária. As mulheres identificam por “parceria” a relação de produção existente entre o agricultor (integrado), que é responsável por toda a estrutura (galpão, água, luz, trabalho, etc.), e a empresa, que fornece os animais, ração e acompanhamento profissional especializado. O fato das mulheres usarem o termo parceria para identificar esta relação comercial entre indústria e agricultor, não significa que estejam manifestando idéia de valor ou se referindo implicitamente à divisão das cotas do lucro e do trabalho. Estão apenas indicando a relação existente e comum no Oeste de Santa Catarina. Da mesma forma, foi tratada a definição de “sistema”, que na interpretação das entrevistadas corresponde ao modo de produção, na qual estão inseridas as empresas parceiras, que determinam suas necessidades de produção e de compra para fazerem parte do contexto social, que elas consideram excludentes. Já a horta, na região estudada, é o termo usado em referência ao local onde se produz a alimentação da família, sendo mais ampla que a produção de hortaliças.

Para compreender a realidade sociocultural do grupo estudado utilizou-se uma abordagem multidisciplinar. O arcabouço teórico principal baseou-se nos estudos de Gebara (1997; 2007) que, na interpretação ecofeminista, associa a relação entre mulheres e sociedade com a relação entre sociedade e natureza. A fim de entender como as mulheres podem usar dessa compreensão como fundamento para transformação foi fundamental embasar-se em Freire (1983; 2000; 2003), na interpretação do indivíduo como agente de libertação e mudanças. Reconhecendo as mulheres do campo como agentes de transformação da sua realidade familiar e social, foi pertinente fundamentar-se também nos estudos de Paulilo (1999; 2000; 2004; 2007) que, nas perspectivas da sociologia rural, aborda a agricultura familiar e a questão de gênero. Menasche (2007), por sua vez, foi importante na compreensão da convergência entre a alimentação e o rural. Permeando as questões estudadas, está a visão ecológica no que se refere à agroecologia, e neste caso foram fundamentais os estudos de Altieri (2008) sobre o tema. Associado às publicações de reconhecimento acadêmico, para melhor compreensão da realidade estudada, foi relevante considerar as produções (cartilhas, artigos, revistas direcionadas, *sites* e folhetos) das próprias mulheres do MMC (MUNARINI, MENDES, 2007; COLLET, MUNARINI, 2007; CONTE, 2008; DARON, COLLET, 2008; MMC, 2010). Já para o

tratamento dos dados obtidos nas entrevistas, Bardin (2009), que aborda a técnica da análise de conteúdos em investigações psicossociológicas, foi a base analítica para se chegar aos resultados apresentados nesta pesquisa.

Outros estudos também serviram como base para a construção deste trabalho. Dentre os temas abordados está a questão alimentar no campo, que pode ser encontrada em trabalhos de autores como E. Woortmann (2007), que estuda sociedades camponesas e patrimônio alimentar, e K. Woortmann (1978), que faz análises antropológicas sobre populações de baixa renda e alimentação. Ainda sobre a questão alimentar, usou-se o trabalho de Maluf (2007), principalmente no que se refere aos conceitos de Soberania e Segurança Alimentar; os de Siliprandi (2008, 2009), que associam a questão alimentar às relações de gênero; e alguns estudos que se referem à produção camponesa, como Schneider e Gazolla (2007), além das próprias definições dos movimentos sociais associados à Via Campesina (2010).

OBJETIVOS E ESTRUTURA DO ARTIGO

O objetivo principal deste estudo consistiu na análise dos significados formulados pelas mulheres do MMC/SC, município de Itá (Região Oeste), na reprodução e multiplicação de sementes crioulas para a produção de alimentos na perspectiva da soberania alimentar. Para alcançar o objetivo geral, trilhou-se um caminho visando:

- Destacar os elementos que (re) afirmam os significados atribuídos pelas mulheres da base do movimento ao cultivo de sementes crioulas;
- Investigar a influência dos discursos e das ações do MMC junto às mulheres pertencentes à base do movimento, no que se refere ao cultivo de sementes crioulas; e
- Identificar as práticas, iniciativas e experiências das mulheres da base do MMC, especificamente no município de Itá, Oeste catarinense, voltadas para a guarda, multiplicação e reprodução de sementes crioulas.

Para apreender os objetivos, neste artigo, inicialmente é apresentado como foi realizada a pesquisa de campo e como foram analisados os dados obtidos. Posteriormente, coloca-se em destaque como o MMC, por intermédio do Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças, identifica as atividades realizadas na “horta” como instrumento de valorização do trabalho da mulher no campo. Para finalizar, apresentam-se os resultados das entrevistas para o entendimento de como o grupo estudado percebe, e se percebe, no contexto da reprodução, multiplicação e cultivo de sementes crioulas.

METODOLOGIA

Em campo optou-se pelas entrevistas semi-estruturadas com roteiro pré-estabelecido e questões abertas. A entrevista semi-estruturada tem por característica permitir maior flexibilidade ao entrevistador e entrevistado. Isto possibilitou que no decorrer das entrevistas novos temas surgissem, direcionando a discussão para novas questões, que permitiram uma melhor compreensão da realidade local.

Para melhor identificação do universo da pesquisa de campo classificou-se as entrevistadas em 2 grupos característicos: mulheres da base (EB) e mulheres que são consideradas referências para as integrantes do MMC em Santa Catarina. Definiu-se como base as mulheres que participam das ações do movimento, principalmente nas suas comunidades. Para abarcar a categoria de entrevistadas da base, a limitação geográfica foi o município de Itá (52.32°O e, 27.29°S) localizado no alto vale do Rio Uruguai, região Oeste de Santa Catarina no sul do Brasil. Entrevistou-se todas as mulheres que participaram de três oficinas sobre sementes crioulas no município (uma em 2008 e duas em 2009).

Como referências foram identificadas as mulheres que participam do movimento desde as primeiras manifestações, na década de 1980, e que têm a característica de liderança reconhecida pelas mulheres da base. Neste caso, a limitação geográfica consistiu em entrevistas com residentes no Estado de Santa Catarina.

Todas as entrevistas foram realizadas no ano de 2009. Ao todo foram entrevistadas 16 mulheres (E). Destas, onze pertencem à base do movimento (EB). Das consideradas referências (ER) pelo movimento, duas moram em Itá (ER1, ER2), uma reside em Descanso/SC (ER3) e participa do movimento desde a origem, e uma reside em Lages/SC (ER4) e trabalha com agroecologia. Além destas, foi entrevistada a Coordenadora do MMC/SC em 2009 (EC). A Tabela 1 abaixo mostra como foram identificadas as pessoas do grupo estudado.

Além das entrevistas ocorreu a participação nas oficinas sobre as práticas de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas desenvolvidas pelo MMC. Este momento da pesquisa consistiu na utilização do método “observação não-participante”, assim denominada quando o pesquisador registra os acontecimentos sem a participação no trabalho do grupo (MACKERNAN, 2009). Nestas reuniões foi possível observar como são socializadas as teorias e práticas relacionadas ao cultivo de sementes crioulas.

Tabela 1 - Síntese das fontes de informações

Quantidade de entrevistadas	Identificação	Cód.	Observações
11	Mulheres da Base	EB	Residentes em Itá, representam na totalidade as mulheres que participaram das oficinas sobre sementes crioulas em dezembro de 2008 e no ano de 2009.
4	Referências	ER	Assim identificadas pelas próprias mulheres da base e lideranças do movimento
1	Coordenadora Estadual	EC	Tem função administrativa representando o movimento em Santa Catarina.
2	Entrevistas de Apoio	EA	Suas informações contribuíram para o entendimento da realidade do grupo pesquisado.
**	Registro das oficinas	OF	Momento em que foram registradas as opiniões das mulheres do movimento na coletividade.

FONTE: Elaboração dos autores.

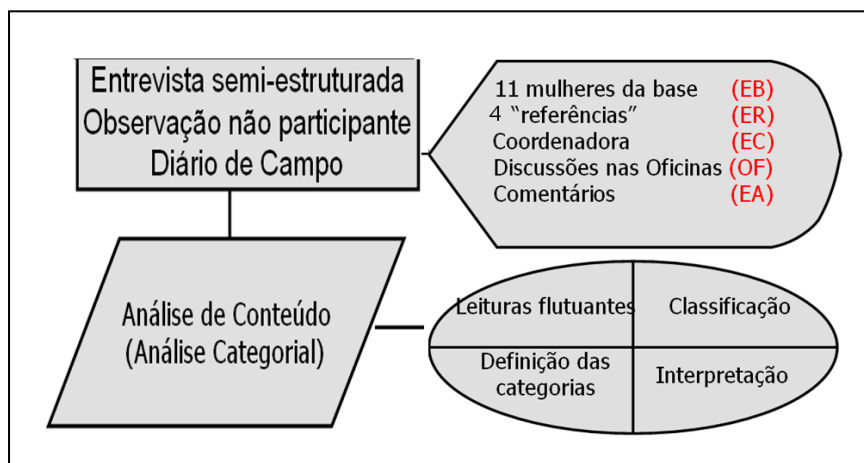
Objetivou-se com as falas apresentadas validar a realidade do grupo estudado. Ou seja, foram escolhidos trechos de entrevistas que visam representar as inquietações individuais e coletivas com base na freqüência de suas aparições nos discursos que se consideram relevantes para o grupo. Para atender uma solicitação da maioria das entrevistadas, os vícios de linguagem quando desnecessários não são apresentados. Entretanto, procurou-se ter o devido cuidado para não distorcer as informações e ser coerente com as opiniões das entrevistadas.

Com autorização prévia, as entrevistas foram gravadas e transcritas na sua totalidade. Entretanto, já na primeira entrevista percebeu-se que o gravador deixava algumas mulheres pouco à vontade e preocupadas em responder da melhor forma possível. Assim, muitas vezes, relatos considerados pertinentes para melhor compreensão das suas inquietações ficavam implícitos. Diante disto, o diário de campo e o lápis passaram a ser instrumentos necessários para o registro das conversas “pré” e “pós” entrevistas. Neste caso, alguns comentários de pessoas (EA) que não faziam parte do grupo estudado, mas que permitiram o melhor entendimento da realidade, são apresentados. Merece destaque comentários do marido de uma mulher da base do movimento sobre a criação de suínos e os comentários de uma Agente de Saúde local sobre os problemas de saúde no município. Assim, cabe afirmar que os momentos de “roda de mate⁴”, almoços, conversas informais junto às mulheres do movimento e familiares, visitas às hortas e horas de despedidas, todos foram fundamentais para coletar informações que, em muitos casos, não foram explicitadas nas entrevistas formais.

A abordagem analítica dos dados obtidos nas entrevistas e nas oficinas teve por base o método Análise de Conteúdo, que é realizado em função das hipóteses emergentes para a construção do entendimento do discurso (BARDIN, 2009). Caregnato e Mutti (2006) explicam que a Análise de Conteúdo é composta por três grandes etapas: a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento dos resultados e interpretação. A pré-análise iniciou-se a partir de “leituras flutuantes”, ou seja, os elementos analíticos emergiram diante de leituras repetitivas sem um foco predeterminado e, pouco a pouco, tornaram-se mais precisas em função das hipóteses emergentes (BARDIN, 2009). Após, os dados foram codificados para indicar a escolha das categorias a serem analisadas de acordo com os objetivos do estudo. A Figura 1 apresenta as etapas do desenvolvimento da pesquisa de campo.

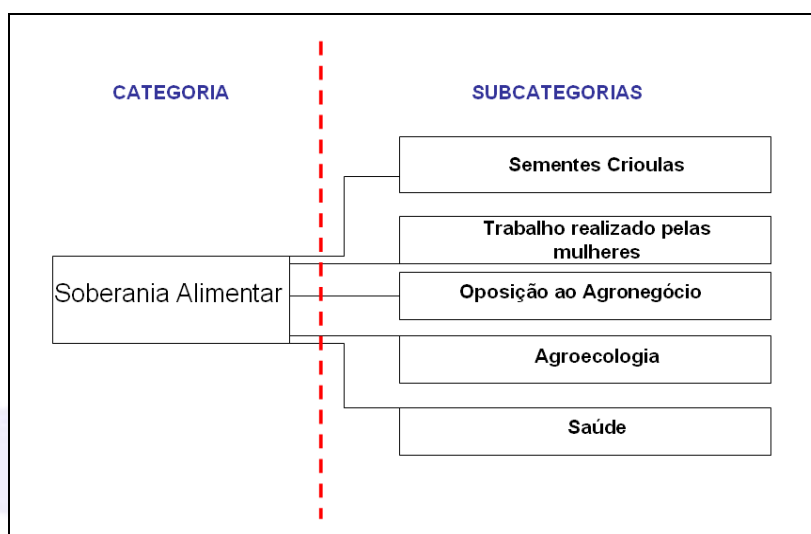
⁴ Hábito regional de se reunir para consumir erva-mate. Como eles mesmo afirmam, este é um momento que vizinhos e familiares aproveitam para “colocar as conversas em dia”.

Figura 1- Fluxograma das etapas da pesquisa de campo.



Para exploração do material, aplicou-se a análise categorial, que consistiu no desmembramento das entrevistas em unidades seguindo reagrupamentos analógicos resultantes da pré-análise. De acordo com Bardin (2009, p. 39) “é o método de categoria, espécies de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem”. Para melhor relacionar o método aos objetivos da pesquisa, optou-se pelo uso de uma categoria única: soberania alimentar. Esta categoria perpassa pelas subcategorias emergentes da pré-análise: sementes crioulas, trabalho realizado pelas mulheres, oposição ao agronegócio, agroecologia e saúde (Figura 2).

Figura 2 - Representação gráfica da análise categorial.



Tomou-se como ponto de partida o entendimento de que as práticas com sementes crioulas para os movimentos sociais estão relacionadas à soberania alimentar, o que implica na produção de alimentos com proteção dos setores domésticos de produção e das culturas locais. No que se refere ao trabalho realizado pelas mulheres, a meta foi identificar como elas se compreendem como parte do processo produtivo, e como percebem as “parcerias” na formação do posicionamento crítico em relação ao agronegócio. Em relação à utilização das sementes na produção para o autoconsumo, procurou-se compreender de que modo as mulheres interpretam o trabalho na horta e qual a percepção que elas têm destas atividades. Observando que a agroecologia é um dos objetivos do MMC e da soberania alimentar, a abordagem dessa subcategoria serviu para verificar a maneira com que as mulheres percebem a produção sem aditivos químicos para o autoconsumo, e as possíveis perspectivas para a geração de renda. Pressupondo que a preocupação com as questões ambientais e o uso de sementes crioulas estão relacionadas à produção de alimentos saudáveis e ervas medicinais, a subcategoria saúde consiste no entendimento de que estas mulheres direcionam suas práticas a fim de garantir o bem-estar da família.

O PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO, PRODUÇÃO E MELHORAMENTO DE SEMENTES CRIOULAS DE HORTALIÇAS

O Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças, iniciado em 2002, é resultado de um debate sobre a soberania alimentar para garantia das sementes como patrimônio da humanidade e valorização de práticas acumuladas fundamentadas na agroecologia em oposição aos alimentos transgênicos.

Collet e Munarini (2007), representantes do movimento em Santa Catarina, já apontavam em 2007 a existência de experiências voltadas para cultivo de sementes crioulas pelas mulheres do MMC em 70 cidades do estado. Este foi um dos motivos que tornou as práticas com sementes crioulas uma das referências para a “Campanha Nacional pela Produção de Alimentos Saudáveis”. O projeto ganhou proporções acima do esperado como comenta a diretora do movimento:

“Quando nós começamos com esse trabalho, eu achava que não fosse ter o resultado que está tendo hoje. Parecia uma coisa que não tinha muito significado. Mas percebemos na prática que é isso que está no dia a dia das mulheres. As mulheres sempre lidaram com os alimentos. De uma forma, ou de outra, isso está presente no cotidiano. Com o modelo da agricultura química, com a tecnologia toda, foram sendo deixados de lado alguns costumes e alguns valores como o de produzir sementes e de plantar um pouco de tudo para o consumo.” (EC)

A manifestação positiva ao projeto está diretamente relacionada ao cultivo de sementes, que historicamente sempre esteve associado ao trabalho feminino. Com o Resgate desta atividade foi possível iniciar o processo de valorização de uma prática que estava sendo substituída pela compra de sementes comerciais. Sobre esta questão a diretora do movimento comenta:

“Quando a gente começou com esse trabalho, elas [mulheres] se sentiram valorizadas, porque puderam “tirar de novo” [resgatar] aquilo que elas tinham deixado de lado. Começar de novo.... Ir buscar onde tinha a semente, fazer a troca, falar sobre isso... Até então era vergonhoso, ou feio, falar de coisas caseiras. Deu-se outro sentido pra isso... Então as mulheres também se sentiram valorizadas.”(EC)

No MMC também se pretende com as práticas de cultivo, novas e acumuladas, promover as discussões sobre as relações que permeiam o universo das mulheres agricultoras como, por exemplo, a produção de alimentos, as relações com o mercado, a ecologia, as questões de gênero, o trabalho e a família. Neste projeto, o movimento procura difundir o manejo de sementes crioulas nas comunidades sobre a ótica da promoção do ativismo feminista. Associado a isto está a viabilização de uma agricultura com maior respeito à natureza e valorização do conhecimento local para a garantia de uma base alimentar saudável, em oposição ao modelo monocultor.

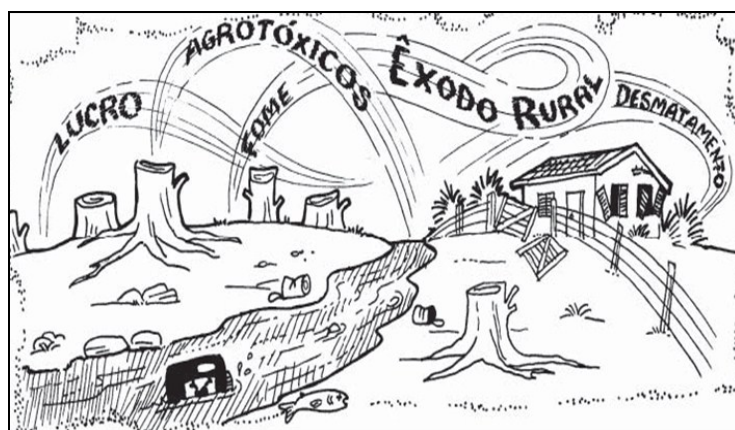
Evidencia-se a analogia entre mulheres e sementes, identificando-as como “geradoras de vida”. Neste caso, pode-se observar uma afinidade com o ecofeminismo quando se busca na função fisiológica a associação com a natureza. No entanto, pode-se usar as interpretações ecofeministas para ir além de uma pura interpretação essencialista. Como afirma Gebara (1997), embora exista a interpretação essencialista no ecofeminismo, deve-se à associação entre feminismo e a luta ecológica o fato de que a mulher, com o aumento da sua participação pública, passa a ter uma visão mais crítica dos padrões culturais que resultam na exploração dos pobres, das mulheres e da natureza.

Para relatar e resgatar a importância de um papel que a história muitas vezes obscurece, as mulheres fundamentam-se na história do cultivo agrícola. Por meio

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 160-198, Jul./Dez. 2011

deste resgate histórico das transformações no meio rural, o MMC desenvolve uma análise crítica ao associar os problemas sócio-ambientais à “revolução verde”. Iniciada na década de 1960, a “revolução verde” transformou a vida rural com novas tecnologias focadas em colheitas, organização, *marketing* e variedades cientificamente modificadas (HOBSBAWM, 1995). O movimento identifica a “revolução verde” como o pacote tecnológico que estimulou a aplicação acentuada de agrotóxicos, sementes modificadas, adubos sintéticos, e a padronização de atividades que resultam em desmatamento, desequilíbrio ecológico, exploração no campo, insegurança alimentar e o êxodo rural (Figura 3).

Figura 3- Significados da “revolução verde” para o MMC.



Fonte: MMC (2009)

No posicionamento crítico ao tipo de cultivo difundido a partir da “revolução verde”, os movimentos sociais do campo identificam que a inserção de um padrão de cultivo para atender a produção de industrializados diminuiu a “resistência” do agricultor aos insumos e sementes oferecidos pelo mercado. Considera-se que este fato pode resultar na extinção das variedades tradicionais de sementes.

Maluf (2007) afirma que o agronegócio e a concentração fundiária também apresentam restrições a um componente vital para a condição de vida nas unidades de produção familiar: a produção para o autoconsumo. Este autor também aponta que, apesar da expansão da produção agroalimentar ter aumentado, se faz presente a insegurança alimentar na forma de fome ou má alimentação. Além disso, Siliprandi (2004) destaca que, no modelo industrial, os incentivos à produção agrícola para exportação levam à homogeneização da cultura alimentar.

Ao identificar as práticas voltadas para a “agricultura química” como as responsáveis pela redução da base alimentar e destruição da biodiversidade, o MMC reforça a importância da agricultura com bases ecológicas para a preservação da biodiversidade e promoção da “libertação” sobre a máxima: “somos sementes de vida para fortalecer a resistência das camponesas” (MMC, 2010). Luta-se por uma produção alternativa em relação à imposta pelo mercado, que exige a utilização de muitos recursos. Neste caso, a agroecologia apresenta-se como uma possibilidade economicamente viável para o desenvolvimento local sustentável ao atender as necessidades dos agricultores com poucos recursos.

Além da possibilidade de resistir às imposições do mercado, a liberdade, em um prisma simbólico, serve como premissa para designar os valores que regem as ações propostas pelo MMC. Compreende-se que “a libertação da mulher é obra da própria mulher, fruto da organização e da luta” (MMC, 2009). Neste caso, a possibilidade da “libertação” da mulher ganha contornos na crítica da própria existência e percepção da sua posição no mundo para valorizar ou transformar matrizes culturais. Para Sen (2001) isso pode emergir de questões básicas como boa nutrição e boa saúde, realizações mais complexas como fazer parte de comunidades, ter respeito próprio e felicidade. A veemência destes argumentos está na compreensão de que o ser humano não apenas está no mundo, mas com o mundo, sendo, portanto, um ser de relações (FREIRE, 2003). A mulher, ao compreender a importância da sua relação com a natureza e com a sociedade, pode conjecturar uma estrutura familiar sem elementos de dominação. Para isso, as mulheres do movimento realizam ações coletivas e individuais que visam vislumbrar, no respeito à natureza e produção de alimentos saudáveis, a sua valorização na família, no campo e na sociedade.

A principal estratégia desenvolvida para divulgar a importância das sementes crioulas junto às mulheres da base são as oficinas ministradas nos municípios onde residem. Este é o espaço de trocas de sementes, experiências, divulgação e fortalecimento do movimento. Normalmente, as oficinas são realizadas duas vezes ao ano, com intuito de aumentar o cultivo de sementes crioulas e denunciar o padrão de produção agroindustrial acusado de provocar uma mudança cultural no campo, como comentou uma representante do MMC residente em Itá:

“A gente conseguiu resgatar o que as mulheres tinham deixado de lado. Fazer as geléias, as compotas de frutas, mesmo a questão dos sucos

caseiros. Era uma coisa que praticamente tinha se deixado de lado e hoje se conseguiu recuperar. É um sabor caseiro... tudo, é a sabedoria que as mulheres daquela época tiveram e a 'revolução verde' acabou com isso. Quando mudou-se os hábitos na agricultura e no plantio, mudou-se toda uma cultura." (ER3)

As oficinas realizadas pelo MMC para socialização e trocas de experiências relacionadas à produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças tem por princípio metodológico a educação popular. O roteiro desta atividade é constituído de forma que se permita a identificação de todos os envolvidos por meio de um processo dialógico para construção de significados coletivos, com o intuito de se pensar e repensar as ações cotidianas, promovendo novas formas de agir no e com o mundo.

Para Freire (1983), só aprende realmente aquele que se apropria do apreendido transformando-o em situações existenciais concretas. Para tanto, uma reflexão sobre a realidade faz de cada indivíduo um sujeito de relações, que se percebe como tal. No caso do camponês, as suas interações com a natureza formam um cordão umbilical nas relações camponês-natureza-cultura, que resulta na totalidade cultural e faz com que o camponês se sinta mais como parte da natureza do que seu transformador (FREIRE, 1983).

Partindo do entendimento que o camponês tem um "jeito próprio" de lidar com a natureza, essas oficinas são tidas como um momento de troca dessas experiências. Como afirma Bodaneze (2007, p. 18), uma militante do MMC do município de Marema (SC), as oficinas "são momentos onde trocamos experiências, recuperamos o saber popular e cuidamos das sementes do nosso jeito camponês." Por meio dessas experiências as mulheres recuperam, significam e re-significam a cultura que as identificam como camponesas.

Um dos significados resgatados culturalmente é o de horta. Na região Oeste de Santa Catarina é compreendido como horta o local onde se produz alimentos que ultrapassam o cultivo de hortaliças. Hickmann (2007, p. 17), militante do MMC em Itapiranga (SC), relata que aprendeu no MMC que "fazem parte da horta o pomar, os chás e as flores". Assim, a horta, na forma de consórcio, além de produzir alimentos frescos, também produz os remédios reconhecidos pela sabedoria popular, os frutos que são consumidos *in natura* e na forma de doces, geléias, sucos

e as flores que, ao mesmo tempo em que ornamentam, são repelentes naturais, possibilitam o plantio consorciado e também podem servir como alimento⁵.

O trabalho na horta, tido como uma função feminina, pode ser definido como uma extensão do espaço doméstico. A horta é um espaço não “apreciado” pelo universo masculino, que não se envolve com esta atividade. Sobre essa questão, relataram as mulheres em uma oficina: “*ele não trabalha na horta de jeito nenhum*”, “*acho que é porque não gera renda*”, “*acho um engano, porque o que está na mesa não precisou ser comprado*” “*É, isto não é visto*”. (OF)

A representação das atividades realizadas em torno da horta proporciona um espaço de discussão e troca de experiências. A partir dessa constatação, abre-se uma discussão sobre o trabalho feminino na produção para o autoconsumo. As mulheres procuram identificar aquilo que acreditam a partir do aprendizado nas oficinas e transformam em conhecimento para agir na realidade. Reforça-se, assim, a constatação de Freire (2000; 2003), que para se participar de um processo educativo é necessário criar, recriar e constatar para decidir mudar a (e na) realidade. Nestas perspectivas, as oficinas também se caracterizam como um espaço disseminador de sementes e, conseqüentemente, de culturas alimentares. Sobre a troca e distribuição de sementes, uma integrante do movimento relatou:

“Essas alfacinhas eu fui adquirindo já faz alguns anos... Acho que já faz uns seis anos ou até mais. Depois surgiram muitas sementes distribuídas. As companheiras do movimento, quando tinha reunião, iam distribuindo. Porque é difícil de ter. Quando uma visita, a gente vai mostrando, vai convidando pra ver a horta e ela leva a semente. Tem bastante e dá para distribuir.” (EB1)

Na produção para o autoconsumo estão alimentos que identificam as características culturais das comunidades. Woortmann (2007) salienta que os alimentos são carregados de valores que se manifestam nas mesas e passam a ser considerados como típicos culturalmente e, muitas vezes, motivos de orgulho traduzidos em festas populares para apresentar e reforçar culturas locais. Segundo este ponto de vista, o ato de alimentar-se, mais do que simplesmente satisfazer as necessidades biológicas, constitui-se também em manifestações simbólicas que representam posições socioeconômicas do indivíduo no território, além de fazer parte das manifestações culturais de um povo. Como ressalta K. Woortmann (1978),

⁵ Segundo as mulheres da direção do MMC, o uso de algumas flores na alimentação tem sido uma prática estimulada, entretanto, é pouco usual.

a opção por determinados alimentos distingue o “nós” dos “outros”, sendo elemento simbólico para afirmar as identidades.

Para compreender a realidade das mulheres envolvidas no programa de sementes crioulas, foi necessário realizar este estudo *in lócus*. O foco foi procurar entender como são construídos os significados a partir das oficinas e como eles repercutem na rotina diária das mulheres interferindo na alimentação de suas famílias e, de certa forma, a possível contribuição para a valorização das sementes crioulas e a garantia da soberania alimentar.

O PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS EM ITÁ (SC)

Segundo integrantes do MMC, com o processo de valorização das hortas e das sementes crioulas resgatou-se e valorizou-se as práticas voltadas para a produção da própria alimentação que estavam se perdendo com a compra de gêneros alimentícios industrializados. Quando questionada sobre a importância do cultivo de sementes crioulas, uma representante do movimento em Itá afirmou:

“O projeto de sementes crioulas é uma das coisa mais importantes que o movimento trouxe. Além do resgate das sementes e da biodiversidade, o projeto de sementes conseguiu resgatar a dignidade das mulheres e das muitas famílias que já tinham bastante variedades de sementes crioulas. Geralmente as mais pobres, que moravam mais distante, até tinham uma certa vergonha de dizer, meio que escondiam, pensavam que o moderno e o interessante seriam as sementes compradas, as híbridas. Com a valorização das sementes foi possível recuperar o auto-sustento que muitas famílias tinham perdido.” (ER1)

As mulheres da direção do MMC também constataam esta realidade em outras localidades. Ao lembrar-se das primeiras oficinas na região uma liderança do movimento comentou:

“No começo quando convidávamos as mulheres para as oficinas, elas já vinham com a idéia que tínhamos sementes para venda ou então mudas. Nós dizíamos a elas que não era bem isso, era a partilha, troca e o resgate. Muitas, quando a gente perguntava se possuíam este tipo de sementes em casa, elas diziam não ter. Quando mencionávamos o tipo de sementes elas identificavam, começaram a ter consciência, começaram a gostar, então foi o resgate da semente, da cultura e do todo. Hoje em dia é bem visto.” (ER3)

Nas oficinas são trocadas experiências e apresentados os materiais didáticos sobre as sementes e a produção agroecológica. Também é um momento em que se

apresenta a mística, bandeiras de luta e as ações que serão realizadas pelo movimento. Organizadas em círculo cada mulher apresenta sua experiência recente na horta e no cultivo de sementes crioulas e uma monitora organiza a leitura de cartilhas que são discutidas por todas. Quando as mulheres são questionadas sobre a importância das oficinas as respostas são pontuais, como “aprende-se bastante coisa” (opinião de todas as entrevistadas). Este aprendizado repercute na vida das mulheres e suas atividades diárias mudando hábitos alimentares e a forma de cultivar o alimento para o autoconsumo. Sobre esta mudança, uma entrevistada destacou:

“Mudou. Mudou... Eu planto bem mais... Adubo mais. A gente não usa o químico (adubo), nada, comecei a fazer a compostagem. A gente tem mais variedades na horta também. É, mudou, porque a gente vai aprendendo e vai tentando... Deixando as coisas industrializadas... O que não precisa comprar não se compra.” (EB2)

Observa-se nas entrevistas e nas oficinas realizadas em Itá que a produção de sementes crioulas atualmente é motivo de orgulho para muitas mulheres. Destarte é possível afirmar que, de acordo com as respostas obtidas nas entrevistas, a compra de produtos industrializados não é mais interessante para as mulheres estudadas. No entanto, não significa auto-suficiência. Quando lhes foi perguntado o que elas compram como comida, as respostas da maioria foi “arroz, farinha de trigo, sal, café e erva-mate”. Guardada as devidas proporções, cabe ressaltar que a necessidade de compra de determinados produtos, foi também verificada por Candido (1971), que no estudo sobre os “caipiras paulistanos” identificou como o fim da auto-suficiência econômica o fato do pequeno agricultor não poder prover as necessidades alimentares na sua totalidade, ficando à mercê do sistema comercial de alimentos da cidade. A necessidade de compra do pequeno produtor rural paulistano da década de 1950, que consistia em produtos como banha, aguardente, café, açúcar, sal, carne, trigo, macarrão e peixe seco (CANDIDO, 1971), aproxima-se muito da realidade das famílias estudadas. Com exceção da aguardente, não comentada pelas mulheres provavelmente por não ser reconhecida como alimento, da banha e das carnes, que constitui o setor produtivo destas famílias, os outros gêneros alimentícios que necessitam ser comprados, apesar dos diferentes contextos, são praticamente os mesmos.

O trabalho para o autoconsumo realizado pelas mulheres também foi verificado no estudo realizado por Schneider e Gazolla (2007), no Rio Grande do R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 160-198, Jul./Dez. 2011

Sul. Para esses autores, cabe às mulheres o “governo da casa” e do consumo. Apresentar uma mesa com alimentos produzidos na horta, hoje é um motivo que traz satisfação. Para as mulheres a horta garante produtos considerados mais saudáveis à mesa, como comentou uma entrevistada:

“Ah, tem química, tem conservantes, tem agrotóxico [alimentos comprados]. Como na minha família... Eu procuro dar o melhor pra ela. Eu faço o máximo que eu posso pra ter uma alimentação saudável porque eu sei que vou evitar muita coisa.” (EB3)

Já constatada pelas mulheres do movimento, a preocupação e a valorização da produção para o autoconsumo ganha força quando a família reconhece a importância da horta para o cultivo de alimentos mais saudáveis e mais saborosos. Dessa forma, os benefícios do cultivo de sementes crioulas na horta repercutem na vizinhança. O comentário de uma entrevistada ilustra esse processo:

“A minha vizinha primeira aqui, ela é nova. É bem novata, eles não tinham horta. Não precisavam, compravam as coisas no mercado. Na fruteira, né? Um dia, dei umas mudinhas de alface... Eu tinha da crioula. E ela gostou, foi plantar e disse que era tão macia que a partir daí, ela começou a fazer horta. E ela tem horta até hoje. Ela gostou da alface, disse que é uma alface bem mole... Bem, ela (alface) é diferente, né? E até hoje, ela tem a horta dela, toda cercada... tá cuidando.” (EB1)

Verifica-se que não há uma mudança da realidade no trabalho das mulheres na horta. Ainda cabe especificamente à mulher a preocupação com a alimentação. No entanto, o que é constatado é a possibilidade de tornar essa atividade “visível”, ao ponto de considerá-la crucial para o bem-estar da família. Assim, o que se averigua é a valorização do “cuidado” que se manifesta na mulher rural, principalmente na mesa, pois cabe a ela o plantio, troca de sementes, preparo e cozimento da alimentação.

As entrevistadas também trabalham nas atividades produtivas, assim denominadas por gerar renda. Estas atividades são acumuladas com as atividades domésticas, portanto as mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho. Envolvidas em um contexto de trabalho intenso, quando se reúnem, essas mulheres expressam os seus questionamentos sobre o modelo de produção no qual estão inseridas. Ao se identificarem como agricultoras, particularmente quando dizem que “apesar das parcerias nunca deixamos de ser agricultoras” (OF), elas reclamam das restrições impostas às unidades produtivas familiares. Por exemplo, a fiscalização intensa e as normas estabelecidas pelas instituições oficiais, impedem a venda de

seus excedentes alimentares como ovos e leite, fazendo com que o sistema de parcerias com a agroindústria seja a principal, quando não a única, fonte de renda.

A integração com o sistema de produção agroindustrial faz com que essas mulheres estejam cada vez mais ocupadas em atender ao interesses agroindustriais. A relação de parceria hoje incomoda muitas agricultoras, que afirmam possuir cada vez menos tempo para si porque as exigências para a produção só aumentam. Sobre este ponto de vista, é interessante descrever o diálogo durante uma “roda de mate” com três participantes do MMC:

“Precisamos de mais apoio dos grandes. Os pobres ganham sempre menos em tudo, vem tudo em cima da comunidade. Os técnicos, as parcerias vêm cheias de ordens. Em tudo é assim, falta apoio, tem excesso de tarefas e não se consegue fazer tudo. Eles não têm noção do que é trabalhar no dia a dia. Se gasta muito dinheiro com burocracias. Isto precisa mudar. Cada vez mais a pessoa vale pelo dinheiro e não pela personalidade ou seu caráter, tem que resgatar o valor do caráter.” (EB2, EB3 e EB4)

Como relata Stropasolas (2006), o intenso trabalho das mulheres, cujas unidades produtivas estão integradas aos sistemas de produção agroindustrial, restringe o tempo livre, dificultando a sua participação nos espaços públicos. Pode-se citar como exemplo as oficinas do MMC, que costumavam durar todo o dia, no entanto atualmente são realizadas somente no período matutino ou vespertino. Ainda assim, muitas mulheres alegam ter deixado de lado vários afazeres para participar das reuniões do movimento. Sobre o trabalho com as parcerias uma das entrevistadas comentou:

“O problema é o sistema que impede a mulher de sair. Olha eu vejo assim, as mulheres que tem que cuidar do aviário de meia em meia hora tem que tá lá. Quem tem chiqueiro, tem que cuidar dos porcos porque se falta água, tem que tratar. Assim, ela não pode sair. Assim vai levando, acho que então é o sistema capitalista que tá ali e vai impedindo. Eu vejo nós, que temos vaca, nem sempre se pode sair porque elas fogem, tem cerca elétrica, mas, as vezes alguma se manda. Falta água, que é de tirar o leite tem que tirar. A gente depende disso para viver então não pode deixar ‘ao Deus dará’, também não dá.” (EB4)

Segundo Chauí (2001), os avanços referentes ao reconhecimento do trabalho da mulher na sociedade também podem reforçar a lógica da produção capitalista. Isso ocorre porque as mulheres conquistam o seu espaço em uma estrutura já formada com base na relação de dominação. Portanto, o trabalho feminino transforma-se em força de trabalho explorada pelo modelo produtivo assim como a mão-de-obra masculina. Entretanto, as mulheres entrevistadas percebem de forma crítica essa relação com as parcerias. A fala de uma mulher da base do movimento

durante uma oficina, com a qual todas as presentes concordam, retrata este processo.

“Quanto mais trabalhamos mais dependemos deles.” [sistema de parcerias];
(OF)

Percebe-se que essa constatação é recorrente entre as mulheres. As exigências das empresas “parceiras” fazem com que boa parte da renda gerada seja direcionada para a melhoria dos locais onde são criados os animais. Segundo a maioria das entrevistadas, isso representa o maior gasto da família, o que gera a necessidade de aumentar o investimento para obter retorno financeiro, que por sua vez volta a ser investido no sistema de criação.

“Tem a produção de ovos que a gente gasta em cima disso. E as exigências...a gente tem a parceria de suínos. O maior dinheiro nosso vai em cima dali, da propriedade. A menor coisa é pra nós. O nosso consumo é o menos... O que a gente gasta. É sempre ali. Tudo exige da gente. A gente gasta porque se compra muita coisa, para as vacas ... tem produto para limpar a ordenhadeira, sempre é tudo caro.” (EB4)

Observa-se também que nas propriedades em que existe mais de uma forma de produzir renda, na produção de leite cabe à mulher a ordenha e o trato das vacas. Paulilo, de Grandi e Silva (2000) constatam que a atividade leiteira sempre foi de predominância feminina, seja no Brasil ou qualquer parte do mundo. Quando questionadas sobre as razões desse fato, as entrevistadas argumentaram que, quando existem duas tarefas que devem ser realizadas ao mesmo tempo, “é costume a mulher ficar com o leite” (EB7). Esse é um hábito que sempre existiu e persiste, mesmo que algumas atividades atuais sejam consideradas “mais leves”, como argumenta o marido de uma mulher, que é responsável por tratar dos porcos enquanto a mulher se responsabiliza pelas vacas:

“ Isso é um costume que sempre existiu. Hoje em dia trabalhar com porcos até é mais fácil. Antigamente era difícil, tinha que plantar, colher o milho, fazer a silagem. Hoje em dia o chiqueiro é limpo, só tem que alimentar os porcos na hora certa.” (EA4)

A impossibilidade, hoje em dia, de se plantar os alimentos para os suínos, está nas exigências do tipo de ração que deve ser usada e da forma de tratamento que deve ser dado aos suínos com uma rotina que toma todo o dia do criador. Ao mesmo tempo em que dizem obter assistência técnica por parte das integradoras sempre que precisam, as exigências técnicas são constantes.

Como já comentado, são seguidos padrões pré-determinados pelas indústrias. As mulheres percebem esta dependência de um modelo produtivo

imposto, e verificam que novas alternativas de rendas são possíveis. Entretanto, a intensa fiscalização afeta a venda dos chamados “produtos coloniais”. Ciente desta realidade, uma entrevistada diz resistir e vender os seus produtos para que a “colônia não acabe”:

“O que a gente produz no interior não é valorizado. A principal causa é a inspeção. Porque isso matou a colônia. Eu digo ainda que as pessoas da cidade gostariam de comprar as coisas no interior e vão comprar. Elas vão à procura, só que a inspeção dá em cima. Mas as pessoas da cidade procuram. Eles pedem e a gente leva, a gente sabe que não pode acabar. A minha esperança é que isso um dia vai mudar [fiscalização], a coisa comprada no mercado não tem aquela vitamina que tem no interior. É muito melhor o natural do que no mercado que é cheio desses agrotóxicos e dessa ‘coisarada’ que nem se sabe o que é colocado.” (EB1)

Além de uma rotina constante de atividades, as distâncias entre as propriedades e a sede das comunidades dificultam a participação em espaços coletivos como, por exemplo, os centros comunitários. Bourdieu (2007) já observava que a dispersão espacial é uma das características da condição camponesa, o que dificulta a tomada de consciência dos interesses coletivos na população rural. Assim, os encontros realizados pelo MMC também aproximam mulheres que moram distantes umas das outras, fato comentado pela maioria das mulheres entrevistadas, como foi ilustrado no depoimento a seguir:

“A gente se encontra mais com as pessoas, comunica mais, a gente ficava mais que em casa, hoje a gente se comunica mais com as pessoas.” (EB5)

Apesar das dificuldades, a valorização da mulher e das sementes crioulas para a produção de alimentos representam a resistência aos alimentos industrializados e às sementes “comerciais”, sendo também um resgate de práticas dos antepassados, como pode ser observado na fala de uma das entrevistadas:

“Antigamente os pais não compravam comida, era tudo semente feita em casa. Quanto milho eu ajudei o pai a preparar... ele colhia as espigas bonitas, tirava a ponta e o outro lado da espiga e aproveitava só o pedacinho do meio para formar semente boa. Ele via as espigas bonitas e separava, ajeitava as espigas e a gente acabava debulhando. Ele plantava a semente de soja também, só que agora se tu não compra a semente que tu planta, tu não colhe.” (EB4)

Entre as sementes identificadas como crioulas pelas mulheres do movimento em Itá temos o feijão, alface, canola, abóbora, moranga, radiche, mandioca, amendoim, batata-doce, alho, ervilha, couve e salsa. Segundo uma representante da direção do movimento, muitas sementes cultivadas pelas mulheres são crioulas mas, por desconhecimento, não são identificadas como tal. Entretanto, é fato que sementes ainda são compradas e o MMC, por intermédio das trocas e da

distribuição, procura diversificar e ampliar o cultivo das sementes crioulas pelas mulheres da sua base.

Para Menasche et al. (2007) a troca de sementes garante a manutenção do conhecimento e a diversidade genética. Neste caso, as trocas não só servem para a melhoria da dieta das famílias como também para a preservação de espécies vegetais que perderam espaço para as sementes comerciais. O movimento defende a produção de alimentos e a garantia da variedade e diversidades genéticas como bem de uso comum. Os princípios que norteiam esses objetivos estão diretamente relacionados à agroecologia, embora as mulheres reconheçam que ainda há um longo caminho a ser percorrido.

“a agroecologia é um modo de vida, estamos dando passos, mas tem um caminho longo para a gente chegar de fato à agroecologia.” (ER1)

Paradoxalmente, o que é apontado como possibilidade para o futuro, na fala de muitas mulheres é apresentado como uma prática do passado.

“antigamente tinha-se mais tempo, não tinha agrotóxicos, adubação química, a vida era boa”; “Eu nem sabia o que era uréia, fiquei sabendo o que era com 25 anos”. (EB4)

Diante dessa constatação por parte das entrevistadas, cabe resgatar Wanderley (1996) que identifica como uma característica do agricultor camponês a inspiração no passado para pensar o futuro com base no saber tradicional pautado nas formas de vida local, no consumo da família e no trabalho familiar. Inseridas no sistema de parcerias que exige uma rotina que toma boa parte do dia, uma agricultura sustentável para muitas mulheres exige uma mudança radical em toda a produção agrícola. Associado a isso, também existem as práticas e as soluções fáceis que são estimuladas pelo mercado de produtos químicos, como apontou uma entrevistada:

“hoje em dia basta passar o veneno e fica tudo limpinho, não precisa mais da enxada.” (ER4)

Apesar da realidade apontada, percebe-se nas oficinas a existência de uma construção intelectual sobre os princípios da agroecologia e o esforço das mulheres em realizar uma prática que respeite as interações existentes na horta:

“Faço o plantio direto, não capino e não tiro os inços [plantas daninhas]”; “planto ervilha junto com as alfaces, a ervilha cresce primeiro e faz a sombra para que as alfaces possam crescer e depois eu passo as mudas de alface para outro lugar”; “não uso agrotóxico na horta” (OF)

Constata-se um esforço para a utilização de práticas mais sustentáveis em uma cultura de produção cujos insumos industrializados estão descaracterizando o

que Bourdieu (2007) identifica como parte da realidade camponesa: a forte relação com a natureza e uma certa subordinação ao mundo natural. A forte ligação com a natureza é uma característica que define o modo de vida camponês. Na pesquisa observou-se que há, por parte das entrevistadas, a valorização de práticas agrícolas menos dependentes de aditivos químicos e agrotóxicos. Dentre as práticas realizadas podem ser encontrados o cultivo consorciado, o plantio direto, o controle natural de pragas e doenças, o adubo orgânico, a compostagem e a adubação verde. A preocupação em cultivar o suficiente e sem aditivos químicos está diretamente associado à preocupação com a saúde da família:

“É porque é uma semente que a gente tem em casa assim não precisa usar veneno, é tudo natural o que a gente produz.” “A semente que tu compra tem veneno e tu vai botar semente com veneno na terra. Provavelmente o veneno vai ficar e tu vai comer tem veneno.” “Acho que tem tudo a ver com a vida. A semente é a vida das plantas e as plantas é a vida das pessoas.” (EB6)

A preocupação constante com a saúde faz da horta além da garantia de uma alimentação considerada mais saudável para a família, o local onde se cultiva as ervas medicinais que são utilizadas como remédio. Entre as doenças mais comuns observadas por uma agente de saúde que atende 106 famílias na região estão a diabetes, o colesterol e a hipertensão arterial. Para esta entrevistada, uma alimentação adequada e o uso correto de ervas medicinais em chás pode ajudar a prevenir doenças, garantindo maior qualidade de vida no campo.

“A gente come muita coisa errada e em exagero, temos problemas de colesterol, que é gordura no sangue, isto é da alimentação inadequada. Tem também a pressão alta, a maioria dos problemas é a hipertensão, de 106 famílias que eu atendo, tenho 45 hipertensos, e tem bastante gente nova, a gente sempre orienta a tomar um chá, uma coisa mais natural. Isto faz muito bem.” (EA5)

Segundo o Ministério da Saúde, há um acúmulo de evidências que associam doenças como o diabetes, hipertensão arterial e o colesterol ao tipo de dieta das pessoas. Recomenda-se a alimentação combinada de cereais, verduras, legumes e frutas de forma variada, consumidas principalmente *in natura* (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Sobre o benefício dos chás, eles são considerados fontes significativas de compostos fenólicos, devido às suas propriedades antioxidantes importantes para o tratamento de um grande número de doenças crônicas, incluindo doenças cardiovasculares, câncer e doenças neurodegenerativas (MORAES; COSTA; AGUIAR, 2009)

Assim como o cultivo de alimentos, está ganhando força a produção de ervas medicinais nas hortas. Com o lema “fruto da identidade e compromisso em defesa da vida e da natureza” (MMC), o movimento identifica que o cultivo das plantas medicinais para o tratamento e prevenção de doenças revela também preferências culturais adequados ao discurso ecológico. Além disto, há a questão econômica. Como comenta Lopes (2006), o uso de ervas medicinais é valorizado por sua eficácia e baixo custo.

França et al. (2008) reconhecem que o tratamento fitoterápico com as ervas medicinais ajuda a normalizar as funções fisiológicas, restaurar a imunidade e promover desintoxicações. Estudos mostram que o consumo das ervas medicinais pode favorecer a suplementação dos metais cobre, ferro e zinco. Estes minerais são elementos essenciais ao corpo, cuja falta pode provocar anemia, leucopenia (diminuição dos glóbulos brancos no sangue), neutropenia (diminuição dos neutrófilos no sangue), hiperuricemia (altos níveis de ácidos úricos no sangue), retardo no crescimento, falta de apetite, lesões cutâneas e alterações no comportamento (ANDRADE et al., 2005). Cabe ressaltar, contudo, que o uso inadequado destas ervas pode provocar intoxicações, sendo primordial a posologia adequada a cada espécie.

Constatou-se nesta pesquisa uma possibilidade de mudança de percepção em relação às práticas cotidianas que repercutem na saúde, manifestando-se na crítica às repercussões do atual modelo econômico na qualidade dos alimentos ingeridos pela população e na sua na saúde. Sobre esta questão é relevante apresentar a opinião de uma mulher considerada referência para o movimento residente em São Joaquim (SC):

“Essa é uma questão que até preocupa a gente. Porque hoje eu sei que a minha família têm alimentos suficientes, mas eu fico preocupada com os netos da gente, bisnetos. Eu gostaria que eles também tivessem, e essa é minha grande preocupação, porque a soberania alimentar, pra mim, é cada um ter o direito ao alimento, mas deveria ser também ao alimento saudável. Só que isso é negado. Eu acho que isso está sendo negado! Do jeito que está, eu acho que tem que mudar o sistema. Temos que mudar. O sistema capitalista está nos provando que não é isso, mas agora é por isso que o Movimento está ali, para lutar e tentar, devagarzinho, fazer alguma coisa e fazer a mudança.” (ER2)

O fato é que para estas mulheres o rural não é só um espaço de produção, é também vida, sociabilidade, ambiente cultural e trabalho. Ao mesmo tempo em que as questões de gênero precisam ser discutidas, reafirma-se a necessidade de novas

condições sociais e ambientais, que perpassa por práticas de cultivo já existentes. Diante disto, pode-se afirmar que o projeto de conservação e preservação da agrobiodiversidade, por meio da valorização das sementes crioulas, estimula práticas e discussões importantes para a soberania alimentar referentes, especificamente, à preservação das próprias sementes, valorização do trabalho feminino, a busca da independência em relação às ofertas e imposições do agronegócio, à produção agroecológica e ao cultivo de alimentos e ervas medicinais para melhorar a saúde da população do campo.

No que se refere ao cultivo das ervas medicinais, as mulheres, na assistência à sua própria saúde e da sua família, exercem práticas da medicina popular que, para Capra (2003), tradicionalmente sempre fora tarefa feminina mas que, posteriormente, foi substituída pela abordagem racional científica, ao mesmo tempo em que se promoveu o surgimento de uma elite médica exclusivamente masculina. Esta última afirmação pode ser constatada nos dados de uma pesquisa realizada para o Conselho Federal de Medicina em 2002, publicada por Carneiro et al. (2005), que verificou que a atividade médica em Santa Catarina é exercida principalmente por homens. Em Santa Catarina alcança um percentual de 79%, e a nível nacional, 70%.

É válido mencionar que na medicina dita oficial foram realizadas descobertas terapêuticas que contribuíram para aumento da qualidade e expectativa de vida das pessoas. Entretanto, como afirmam França *et al.* (2008), há um retorno ao paradigma holístico visando a harmonia entre corpo, mente e meio ambiente, no qual muitos tratamentos com uso de ervas medicinais passaram a ser estudados e indicados pela medicina oficial.

Karam (2004), em seu estudo com agricultoras da região metropolitana de Curitiba (PR), relata que ao mesmo tempo em que as mulheres manipulam variadas ervas e plantas medicinais para o tratamento de distintos males do corpo e da alma, como dor de barriga, dente, cabeça, ansiedades e angustias, elas estão bastante influenciadas pela medicina oficial. Para o movimento, valorizar a manipulação das ervas medicinais representa o resgate da relação histórica entre mulher e natureza que sempre existiu nas atividades das curandeiras e benzedeadoras. Assim:

[...] desta relação histórica com a natureza, as mulheres camponesas vem partilhando e utilizando as plantas medicinais na arte da cura e do alimento para amenizar dores e problemas de saúde do corpo, para fortalecer, energizar e embelezar o corpo e o ambiente. Arte herdada das mulheres bruxas,

curandeiras, benzedeiros, cozinheiras... Este dom é preservado através do respeito (humildade), de reverência (adoração), do reconhecimento (gratidão), da partilha e da solidariedade diante das plantas medicinais e do que a natureza oferece aos seres humanos. (MMC, 2008, p. 47)

Na pesquisa constatou-se que as mulheres da base do movimento percebem que o cultivo das ervas medicinais representa o resgate dos hábitos locais e do conhecimento sobre as plantas para a assistência à saúde das famílias do campo. As entrevistadas reproduzem os saberes e práticas naturais vinculadas à saúde humana, utilizando as ervas medicinais na forma de chás, para ingestão *in natura*, para uso em gargarejos, banhos e aplicação local em ferimentos e dores musculares. Além dos tratamentos sintomáticos, ênfase é dada à função preventiva que as plantas têm para essas mulheres, sendo sua ingestão um hábito rotineiro que é disseminado nas conversas entre vizinhas, reuniões do movimento, de família e encontros religiosos.

Para as mulheres do MMC, a preocupação com a saúde, além dos cultivos de ervas medicinais, correlaciona-se com os cuidados na alimentação. A horta significa para as entrevistadas autonomia para cultivar o que se gosta, e produzir uma alimentação mais saudável principalmente para os filhos, que manifestam novos interesses alimentares. Ao estudar a historiografia da alimentação no mundo, Santos (2005) constata uma tendência global, principalmente por parte dos mais jovens, de preferir alimentos como hambúrguer, pizza, batata frita e Coca-Cola, promovendo novos padrões alimentares que modificam a dieta tradicional.

No Brasil, os estudos e pesquisas têm demonstrado que, em função do *fast-food*, um novo padrão alimentar está se delineando, com prejuízos dos produtos da dieta tradicional do povo. O arroz, o feijão, a farinha de mandioca, que foram, desde o século XVIII, a base do cardápio da maioria da população, perdem cada vez mais espaço para os produtos industrializados e com maior valor agregado. E não podemos esquecer que, em breve, teremos o ingresso dos alimentos transgênicos nessa competição. Pelos dados que temos, nos últimos 10 anos, o consumo anual de feijão caiu de 12 kg por brasileiro para 9,5 kg. A farinha passou a ocupar o 38º lugar no mercado alimentar. Em alguns estados, planta-se cada vez menos feijão. Isso tudo é muito ruim, principalmente para a população pobre (SANTOS, 2005, p. 23).

SANTOS (2005) destaca que o cultivo de sementes transgênicas também tende a padronizar o consumo em massa. Além dos impactos na saúde da população, emerge a desestruturação das culturas locais. Nesse sentido, reforça-se o cultivo de sementes crioulas como atividade de resistência e valorização das relações locais. As colheitas, o trato das sementes, os gostos e os cheiros estão no

imaginário das mulheres que vêem no cultivo das sementes crioulas a possibilidade de reforçar laços de amizade. Para essas mulheres, a troca das sementes cria laços de afinidades. Ao estudar o simbolismo da comida para os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul, Zanini e Santos (2008), descrevem que as relações estabelecidas pela troca de sementes crioulas resultam de laços de amizade e afinidade, que contribuem para a troca de experiências sobre o cuidado com a horta, formando uma rede de disseminação. Essa característica permite às mulheres, ao trabalharem na horta, apreenderem o conhecimento sobre os cultivos, estando mais aptas à produção agroecológica. Essa realidade foi também identificada no estudo de Karam (2004), que apresenta a mulher como precursora na mudança para a agricultura orgânica, por deter conhecimentos tradicionais e a guarda das sementes crioulas.

Para Altieri (2008), o conhecimento do camponês e suas estratégias produtivas são relevantes para se definir diretrizes apropriadas para a produção agroecológica. Entre as entrevistadas em Itá, essas práticas se vinculam diretamente à produção para o autoconsumo, tendo em vista que o sistema de parcerias com as agroindústrias é o principal fator gerador de dividendos para as propriedades. As mulheres percebem isso de forma crítica, almejando a possibilidade de obter algum rendimento com os produtos da horta. Experiências isoladas de mulheres do movimento envolvidas com a produção agroecológica para a venda estão surgindo. Essa autonomia da pequena propriedade rural para produzir alimentos mais saudáveis e variados para a cidade, com a manutenção da agrobiodiversidade, é um dos objetivos dos movimentos sociais. Uma das bandeiras de lutas o MMC é a conservação ambiental como meio e modo de vida, possibilitando a autonomia das famílias tanto para o autoconsumo quanto para a produção de rendimentos. A crença na possibilidade de um novo modelo de agricultura está na trajetória dessas mulheres. Foi observado nas entrevistas com algumas das primeiras participantes que, no começo, foi necessário conquistar a “valorização” de suas atividades no interior da própria família, para alçar uma participação pública mais efetiva, conquistando direitos à aposentadoria e à licença maternidade para a mulher do campo. Hoje, ao conversar com as lideranças da base do movimento é notável a importância que passou a ser dada às mulheres, sendo que o engajamento com as bandeiras de luta do MMC ajudou a construir o ideário atual.

Como um movimento feminista, o MMC, a partir das experiências vivenciadas pelas mulheres, mobiliza-se para ressignificar o modo de vida camponês nas relações familiares e sociais. Nesse campo de luta está a mudança na maneira de pensar, agir e ser para o reconhecimento do trabalho da mulher. Essa ressignificação perpassa pela relação da mulher com o cuidado. Bianco e Almeida (1997) ao discutirem a questão de gênero com base na psicanálise, ressaltam que alguns autores vêem a noção de cuidado como resultado de um arranjo social e histórico que está na base da reprodução da dominação masculina. Já para Gebara (1997) esta questão é contextual, pois assim como os dados biológicos são “culturalizados”, a cultura é marcada também pela condição biológica.

Considerando a sua condição no passado, as mulheres entrevistadas vivenciam mudanças, na medida em que elas consideravam-se até certo ponto ingênuas, indicando que eram reprimidas no espaço doméstico, além de possuírem pouca participação no espaço público. Essa perceptível mudança, entretanto, não descaracterizou a sua preocupação com a família manifestada pelo cuidado. Os documentos formulados pelo MMC destacam o valor do cuidado com a natureza, a família, a alimentação, a saúde e a educação que, no entanto, não podem ser considerados como sendo sinônimo de “tarefas”. Reconhece-se a importância do cuidado que deve ser de todos, homens e mulheres, resultando em divisões mais justas das tarefas principalmente domésticas, para evitar sobrecargas de trabalhos que muitas vezes não são reconhecidos como tal, promovendo a sua “invisibilidade”.

Ao aumentar a sua participação no espaço público, as mulheres cobram do marido um envolvimento maior nas questões domésticas como, por exemplo, ficar com os filhos enquanto viajam ou participam de manifestações do MMC. Assim, alguns homens passaram a contribuir para o “cuidado” da família e a valorizar as tarefas que historicamente eram tidas como atividades femininas. Entretanto a carga de responsabilidade com o cuidado da família ainda não é equitativo entre homens e mulheres. Diferente dos movimentos feministas mais radicais, os valores religiosos persistem e o modelo familiar ideal pregado pelas igrejas não é afetado. Neste caso, algumas vezes servidão e amor podem ser confundidos como sinônimos.

A valorização de elementos culturais do passado é uma das características do campesinato, antagonicamente trabalhada pelas mulheres da base do MMC. Ou seja, ao mesmo tempo em que as mulheres resgatam e atualizam práticas tidas

como mais adequadas do ponto de vista da sustentabilidade, sentem a necessidade de ressignificar valores como o cuidado. Contraditoriamente, o cuidado foi e pode ser utilizado para a manutenção da sociedade patriarcal. No entanto, o cuidado está intrinsecamente relacionado aos valores que essas mulheres cultuam e que algumas vezes servem como motivação para almejar um novo paradigma de sociedade. Assim, “cuidar de si”, “cuidar da natureza”, “cuidar da família” ou “cuidar do planeta” servem como premissas para a discussão do papel das mulheres na sociedade, e para embasar projeções de mudanças.

Destaca-se que a trajetória de vida das mulheres do movimento perpassa por transformações sociais que alteraram a forma como se comportavam na esfera familiar e comunitária. Essas mulheres sentiam-se reprimidas e submissas ao marido, e marginalizadas nas esferas públicas, até então um espaço tipicamente masculino. Com o passar do tempo, as inquietações que permeiam a questão de gênero permitiram a construção de um ideário relacionado à valorização do papel da mulher agricultora com foco na produção, com viés agroecológico. Ao relacionar os objetivos do movimento às práticas cotidianas das mulheres da base, observa-se que o cultivo de sementes crioulas transcende o simples manuseio, perpassando por questões como a soberania alimentar, o que para as entrevistadas está diretamente relacionado ao cuidado com a família. Essa característica é ampliada pelo MMC nas discussões ambientais abrangendo a capacidade feminina de cuidar da natureza.

CONCLUSÕES

Na pesquisa de campo, constatou-se que a vida das entrevistadas é contextualizada e influenciada pelos fatores sócio-culturais no qual se insere o papel assumido pelas mulheres no cuidado com a alimentação da família. Este “cuidar” constitui-se como o comportamento exemplar a ser seguido. Por outro lado, as mulheres entrevistadas fazem referências, de forma recorrente, a essa noção, algumas vezes de forma ambígua. Se, por um lado, o “cuidado” é considerado contraditório nas discussões de gênero, por outro lado é um termo que as entrevistadas se apropriam e adotam no seu cotidiano, por considerarem que a partir dessa noção podem garantir a qualidade da alimentação da família.

Antes de ser criticada, a relação entre a mulher e o cuidado pode ser considerado o ponto de partida para a abordagem e a realização da soberania alimentar. Merecem destaque, nesse caso, os significados formulados pelas mulheres do movimento quanto à reprodução e multiplicação de sementes crioulas para a produção de alimentos na perspectiva da agroecologia. A mística construída entre as sementes e as mulheres promove uma construção teórica em nome da vida e da natureza que se caracteriza no posicionamento crítico às sementes geneticamente modificadas impostas pelas grandes corporações.

Na horta são produzidas as espécies vegetais que alimentam ou são usadas como remédios por toda a família. É nesse processo que se inserem o cultivo, a reprodução e a multiplicação das sementes crioulas. Além disso, ao enfrentar os riscos contidos no exercício desse papel, as mulheres se reconhecem, e exigem reconhecimento no espaço doméstico, ampliando os horizontes de suas lutas para os espaços públicos. Esse processo influencia e é influenciado pelas bandeiras de lutas do MMC, que são particularmente vinculadas à agroecologia, à soberania alimentar e ao projeto de desenvolvimento alternativo ao agronegócio.

Com a participação no movimento, as mulheres passaram a aplicar em suas práticas de cultivo nas hortas conhecimentos que resultam na menor degradação do meio ambiente. Nas oficinas realizadas pelo MMC trocam-se experiências e aprende-se formas ecologicamente mais adequadas para a preparação do solo, semeadura, fertilização e controle das ervas e animais pertencentes ao ambiente natural, causando menor impacto ao ecossistema local.

Quanto aos significados atribuídos pelas mulheres ao cultivo de sementes crioulas, importância é dada ao resgate de práticas agrícolas tradicionais associadas ao aprendizado adquirido nas oficinas. Os conhecimentos adquiridos principalmente nas oficinas e associados ao resgate de práticas de cultivo do passado permitem às mulheres refletirem e agirem no presente com a perspectiva de mudar o futuro.

Ao investigar a influência das ações do MMC referentes ao cultivo de sementes crioulas observa-se que, com as trocas de sementes crioulas entre as mulheres do movimento, novos alimentos passaram a fazer parte da alimentação das famílias. Assim, além de promover uma alimentação mais diversificada, o resgate e a valorização das sementes crioulas tem contribuído para a manutenção

da agrobiodiversidade, ameaçada pelas conseqüências advindas da padronização das sementes comercializadas.

Na pesquisa evidenciou-se a preocupação das mulheres com o autoconsumo. Mesmo sendo parceiras das agroindústrias de alimentos e reclamando possuírem a cada dia menos tempo, por meio dos alimentos produzidos na horta as mulheres diminuem a necessidade da compra externa de alimentos, o que proporciona a redução de custos e faz com que a propriedade construa a sua própria auto-suficiência alimentar.

Verificou-se que as entrevistadas se sentem valorizadas quando compreendem e reconhecem que as suas atividades podem representar uma importante resistência ao agronegócio. Isso pode ser ilustrado pelo fato delas perceberem que, mesmo estando integradas ao sistema de produção agroindustrial, não deixam de ser “agricultoras” e podem almejar estratégias sustentáveis de produção para diminuir a dependência do sistema de parcerias.

Um aspecto muito importante para as mulheres entrevistadas é a preocupação com a saúde. Neste caso, além do cultivo de alimentos considerados mais saudáveis, destaca-se o cultivo das ervas medicinais que resulta no resgate e/ou manutenção do saber popular. Além do poder curativo, as ervas medicinais representam a valorização de práticas e conhecimentos detidos pelas mulheres. Nesse processo, interagem valores materiais e simbólicos permeados por uma visão holística de mundo para o “cuidado com o corpo, a mente, o espírito e o ambiente” (MMC, 2008, p. 47).

Orientadas nos eventos de formação e mobilização social do MMC, as mulheres fazem do trabalho na horta um ponto de reflexão e discussão para elevar a auto-estima, construir alianças, compartilhar experiências. Assim elas reavaliam o trabalho, papel social e seus anseios quanto ao posicionamento junto ao âmbito familiar e público.

Ao buscar a saúde da família utilizando-se de hábitos que visam a qualidade, diversidade e quantidade suficiente de alimentos para garantir o bem-estar, essas mulheres passam a servir como exemplos para as suas vizinhas. Elas são valorizadas nas oficinas de sementes como modelos referenciais, estimulando um número cada vez maior de famílias a adotar os mesmos princípios vinculados à soberania alimentar. Assim, as “perspectivas” e experiências referenciais com foco

na soberania alimentar têm maior abrangência para o movimento quando analisadas na coletividade.

As sementes comercializadas pelas grandes empresas simbolizam, para as mulheres do movimento, as estratégias do agronegócio voltadas à exclusão e concentração de renda na mão de poucos. Entretanto, apesar do cultivo de sementes crioulas representar a contestação ao agronegócio, torna-se insuficiente quando envolve outras necessidades das famílias de agricultores como o acesso a créditos e mercados (mesmo que local). Essas reivindicações estão inseridas nos objetivos do MMC, ou seja, as ações do movimento não se resumem apenas no projeto voltado para as sementes crioulas, considerado um dos “fios condutores” para novas conquistas.

Uma questão observada neste estudo e passível de ser trabalhada em pesquisas futuras consiste na contradição existente entre o fazer parte do sistema de parcerias e almejar novas possibilidades de produção. Apesar de questionarem esse modelo, que faz parte da realidade local desde o início da década de 1980, as famílias aderem ao método e fazem dele sua principal fonte de renda. Ao mesmo tempo em que as mulheres se referem à subordinação quando comentam “estamos nas mãos deles”, essa relação representa para as famílias uma fonte de renda certa. A busca de um “salário fixo” também é idealizado pelos filhos destes agricultores. Outro ponto que merece ser estudado é como os jovens analisam as parcerias. Mas a importante questão que ainda demanda respostas consiste em entender como é possível construir um novo modelo de produção agrícola que seja sustentável em todos os sentidos, com conservação da agrobiodiversidade, ecologicamente aceitável, culturalmente adequado, socialmente valorizado e economicamente justo.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

ANDRADE, Édira Castello Branco de; ALVES, Simone Pinheiro; TAKASE, Iracema. Avaliação do uso de ervas medicinais como suplemento nutricional de ferro, cobre e zinco. **Ciênc. Tecnol. Aliment**, v.25, n.3, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BIANCO, Arma Carolina lo; ALMEIDA, Marlise Mirian de Matos. Articulações Psicanálise/Feminismo. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. (Coleção Gêneros)

BODANEZE, Lourdes. Recuperação da semente de alface: uma bela história. **Rev. Camponesa**, Chapecó, Dez. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

CANCI, Ivan José. **Relações dos sistemas informais de conhecimento no manejo da agrobiodiversidade no Oeste de Santa Catarina**. 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 2. ed. São Paulo: 2 Cidades, 1971.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 160-198, Jul./Dez. 2011

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisas Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Rev. Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.4, out/dez, 2006.

CARNEIRO, Mauro Brandão; GOUVEIA, Veloso; ARAÚJO, Edevard José de. (coord.). **O médico e seu trabalho**: resultados da região sul e seus estados. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COLLET, Zenaide; MUNARINI, Carmen. Recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças: uma luta do MMC/SC. **Rev. Camponesa**, Chapecó, dez., 2007.

CONTE, Isaura Isabel (org.). **Gênero, sexualidade e direito das mulheres**. Chapecó: MMC, 2008.

DARON, Vanderleia L. P.; COLLET, Zenaide (Orgs.). **Mulheres Camponesas em defesa da saúde e da vida**. Chapecó: AMTR-SUL, 2008.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n.115, mar. 2002. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf> > Acesso em: 3 set 2008.

FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de; SOUZA, Jeová Alves de; BAPTISTA, Rosilene Santos; BRITTO, Virgínia Rossana de Sousa. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Rev. Bras. Enferm**, v.61, n.2, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 160-198, Jul./Dez. 2011

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HICKMANN, Crescência. A diversidade da agricultura camponesa. **Revista Camponesa**, Chapecó, ano II, dez., 2007.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, jan./abr., 2004.

LOPES, C. A. A. Considerações gerais sobre plantas medicinais. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, Boa Vista, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: < <http://www.uerr.edu.br> > Acesso em: 09 ago. 2009.

MENASCHE, Renata et al. Circulação de alimentos: dádiva, sociabilidade e identidade. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MACKERNAN, James. **Currículo e Imaginação: teoria do processo, pedagogia e pedagogia da pesquisa-ação**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MIRANDA, Ary Carvalho de; MOREIRA, Josino Costa; CARVALHO, René de; PERES, Frederico. Neoliberalismo, uso de agrotóxicos e a crise da soberania alimentar no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v.12, n.1, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br> > Acesso em: 29 jul. 2009.

MMC. MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS. Disponível em: < <http://mmcbrasil.com.br> > Acesso em: 12 dez. 2010.

MORAIS, Selene M. de; CAVALCANTI, Eveline S. B.; COSTA, Sônia Maria O.; AGUIAR, Liza A. Ação antioxidante de chás e condimentos de grande consumo no Brasil. **Rev. bras. Farmacognózia**, v.19, n.1b, p. 315-320, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n1b/a23v191b.pdf> > Acesso em: 8 dez. 2009.

MUNARINI, Carmen; MENDES, Ivete M. A. Recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças em Santa Catarina. In: BOEF, Valter Simon de. et al. (Org.) **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 262-267.

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 160-198, Jul./Dez. 2011

NAVARRO, Zander. Nunca cruzaremos este rio: a estranha associação entre o poder do atraso, a história lenta e a 'Sociologia militante', e o ocaso da reforma agrária no Brasil. In: ANPOCS, 32, 2008. **Anais...** Caxambu, 2008. Disponível em: < <http://200.152.208.135/anpocs> > Acesso em 20 set 2008.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: < <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf> > Acesso em: 6 set 2008.

PAULILO, Maria Ignez. Movimento das Mulheres Agricultoras: terra e matrimônio. **Caderno de Pesquisas**, n. 21, jun. 2000. Disponível em: < <http://www.sociologia.ufsc.br/cadernos/Cadernos%20PPGSP%2021.pdf> >. Acesso em: 04 out. 2008.

PAULILO, Maria Ignez; DE GRANDI, Alessandra Bueno; SILVA, Marineide Maria. Mulher e atividade leiteira: a dupla face da exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, n.21, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.sociologia.ufsc.br/cadernos/Cadernos%20PPGSP%2021.pdf> >. Acesso em: 04 out. 2008.

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100012&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 05 set. 2008.

PAULILO, Maria Ignez; SILVA, Cristiani Bereta da. A luta das mulheres agricultoras: entrevista com Dona Adélia Schmitz. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 2, 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200007&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 10 set. 2008.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. Pesquisa Qualitativa e História de Vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 1, 1999. Disponível em: < <http://www.ssrevista.uel.br/> > Acesso em: 30 set. 2008.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória degustativa. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005.

SCHNEIDER, Sérgio; GAZOLLA, Marcio. A produção da autonomia: os papéis do autoconsumo na reprodução social dos agricultores. **Revista Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 15, 2007.

SEN, Amartya. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuição e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./mar., 2000. Disponível em: < <http://www.emater.tche.br> > Acesso em: 29 jan. 2009.

SILIPRANDI, Emma. É possível garantir a soberania alimentar a todos os povos no mundo de hoje? **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v.2, n.4, out./dez.,2001. Disponível em:< http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano2_n4/ >. Acesso em: 29 jan. 2009.

SILIPRANDI, Emma. Políticas de segurança alimentar e relações de gênero. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7, 2006, Quito. **Anais...** Quito, 2006. Disponível em:< <http://www.alasru.org> > Acesso em: 8 set. 2008.

SOUZA, José Carlos Lima de. Via Campesina. In: MOTA, Márcia (Org.). **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOUZA FILHO, Hildo Meirelles de. Desenvolvimento Agrícola Sustentável. In: BATALHA, Mario Otávio. **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: UFSC, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20, 1996, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 1996.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. In: FERREIRA, Ângela D. Damasceno. BRANDENBURG, Alfio. **Para pensar: outra agricultura**. Curitiba: UFPR, 1998.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros. In: MENASCHE, Renata. **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

WOORTMANN, k. **Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda**: relatório final. Brasília: UNB, 1978. (Série Antropologia, 20). Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie20empdf.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

VIA CAMPESINA. Disponível em: <http://viacampesina.org/main_en/index.php>. Acesso em: 10 nov. 2010.

ZANETTI, Cândida; MENASCHE, Renata. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: MENASCHE, Renata. **A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ZANINI, Maria Catarina C.; DOS SANTOS, Mirian Oliveira. Comida e simbolismo entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v.19, n.1, jan./jul. 2008.

Artigo:

Recebido em: 27/12/2010

Aceito em: 21/06/2011